

PRODUÇÕES CULTURAIS SURDAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE

Deaf cultural productions in the bilingual education context

Lodenir Becker Kkarnopp¹

Madalena Klein²

Márcia Lise Lunardi-Lazzarin³

RESUMO

O presente artigo apresenta resultados obtidos na pesquisa sobre produções culturais surdas no contexto da educação bilíngue, desenvolvida por pesquisadoras do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos – GIPES. Ao tomar a educação de surdos e seus contornos como objeto e foco desta pesquisa, compreendemo-la como um campo discursivo que mobiliza diferentes significações em torno de temáticas como cultura surda, produção de subjetividades surdas, experiência visual, artefatos da cultura surda, currículo

ABSTRACT

This article presents the results obtained on the research about cultural deaf productions in the context of bilingual education, developed by GIPES – *Interinstitutional Research Group on Deaf Education* – researchers. When taking deaf education and its surroundings as the object and focus of this research, we understand it as a discursive field which mobilizes different meanings concerning themes such as:

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS –, Porto Alegre, RS, Brasil; pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq –, na modalidade de Produtividade em Pesquisa 2; e-mail: lodenir.karnopp@ufrgs.br.

² Universidade Federal de Pelotas – UFPEL –, Pelotas, RS, Brasil; e-mail: kleinmada@hotmail.com.

³ Universidade Federal de Santa Maria – UFSM –, Santa Maria, RS, Brasil; e-mail: lunazza@gmail.com.

escolar, espaços de ensino-aprendizagem e língua de sinais. Interessa-nos analisar a situação do contexto cultural e linguístico das escolas específicas de surdos no que tange às questões da matrícula dos alunos surdos nas escolas específicas do Rio Grande do Sul, bem como, atentar às diferentes formas como as noções de cultura surda vêm sendo articuladas à educação bilíngue no contexto das escolas de surdos investigadas.

deaf culture, production of deaf subjectivities, visual experience, deaf culture artifacts, scholar curriculum, teaching-learning environments, and sign language. We are interested in analyzing the situation of the cultural and linguistic contexts of the specific deaf schools, concerning questions of deaf students' enrollments in specific schools in Rio Grande do Sul, as well as to look at the different ways that the notions of deaf culture has been articulated to the bilingual education in the context of the deaf schools investigated.

PALAVRAS-CHAVE

Escola de surdos; Educação bilíngue; Cultura surda; Experiência visual; Cotidiano escolar. Surdo; Libras.

KEYWORDS

Deaf schools; Bilingual education; Deaf culture; Visual experience; School routine.

1. Contextualização da temática

Uma das perguntas que frequentemente surge em espaços de discussão sobre a educação de surdos, seja em eventos, congressos ou sala de aula, é sobre a relevância da escola no cenário contemporâneo. Qual é a potência desse espaço? O que esse espaço oferece? Por que esse e não outro espaço de escolarização de surdos? Quais são os limites e desafios?

Embora a escola de surdos tenha permanecido com as marcas de atendimento especial e benevolente e sua história evidencie práticas colonialistas e de oralização, a nossa formulação a respeito da escola é bastante simples: a escola de surdos é uma invenção histórica e pode, portanto, desaparecer. No entanto, outros percursos têm sido tomados e isso significa que essa escola vem sendo reinventada e é precisamente isso o que consideramos ser o desafio atual, ser a nossa responsabilidade. Na esteira das discussões propostas no livro *Em defesa da escola – uma questão pública* (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014), consideramos que

Reinventar a escola se resume a encontrar formas concretas no mundo de hoje para fornecer “tempo livre” e para reunir os jovens em torno de uma “coisa” comum, isto é, algo que pode aparecer no mundo que seja disponibilizado para uma nova geração. Para nós, o futuro da escola é uma questão pública – ou melhor, com essa apologia, queremos torná-la uma questão pública. (p. 11).

Por esse motivo, não assumimos uma postura defensiva ou ofensiva, mas sim a de pesquisadoras e parceiras interessadas em explicar por que e como podemos empreender a (re)invenção da escola, tomando como base as narrativas escolares, abordando algumas das demandas, posições e enfrentamentos que a escola de surdos enfrenta hoje. Além disso, consideramos que, ao tratar da educação escolar bilíngue de surdos, os discursos não se desprendem das condições de possibilidade dos tempos e espaços que habitamos.

Ao pesquisar a escola como espaço de educação de surdos, não pretendemos posicionar-nos a favor ou contra o que é desenvolvido, muito menos instituir uma verdade absoluta sobre bilinguismo ou um modo único de ensino. Ao dialogar com Foucault, buscamos olhar atentamente para o que constitui os contextos escolares, possibilitando um deslocamento “pelo qual se procura ver como puderam ser construídas as diferentes soluções para um problema; mas também como essas diferentes soluções decorrem de uma forma específica de problematização” (FOUCAULT, 2004, p. 233).

Consideramos que a educação bilíngue é constituída por diferentes enunciados, sobretudo em práticas discursivas acadêmicas, políticas e escolares. Nesse sentido, operar com os enunciados produzidos em entrevistas ou verificar os recursos e materiais usados na escola possibilita a construção de uma rede de significação situada na ordem do discurso (FOUCAULT, 2014).

Entendemos a educação bilíngue como um caminho construído e percorrido em articulação ao cotidiano escolar. Os saberes acerca da educação bilíngue são produzidos em práticas discursivas, ou seja, o que “dizemos sobre as coisas nem são as próprias coisas (como imagina o pensamento mágico), nem são uma representação das coisas (como imagina o pensamento moderno); ao falarmos sobre as coisas, nós as constituímos” (VEIGA-NETO, 2002, p. 31), o que se aplica inclusive a essa fala.

As escolas de surdos são consideradas entre os lugares mais importantes para a construção da identidade e do imaginário coletivo das pessoas surdas –

são consideradas o “berço da cultura surda”. Nos permitimos aqui fazer uma analogia da escola relatada por Bell Hooks em seu livro *Ensinando a transgredir* (2017) com as escolas de surdos. Ou melhor, evidenciamos a importância e a representação de uma escola atenta para o exercício de uma “pedagogia profundamente anticolonial”.

Naquela época, ir à escola era pura alegria. Eu adora ser aluna. Adorava aprender. A escola era o lugar do êxtase – do prazer e do perigo. Ser transformada por novas ideias era puro prazer. Mas aprender ideias que contrariavam os valores e crenças aprendidos em casa era correr um risco, entrar na zona de perigo. Minha casa era o lugar onde eu era obrigada a me conformar à noção de outra pessoa acerca de quem e o que eu deveria ser. A escola era o lugar onde eu podia esquecer essa noção e me reinventar através das ideias. (HOOCKS, 2017, p. 11).

Os percursos e as experiências que acompanham os processos de escolarização necessitam de registro e de debate. Neste sentido, é importante aprofundar o conhecimento dos rumos e intervenções de natureza política e institucional que tem sido a origem da difusão das formas de escolarização de surdos, a fim de entendermos os modelos educativos, as formas de produção de identidades, as representações, tempos, espaços, práticas educacionais e saberes que compõem as culturas escolares.

2. Contextualização da pesquisa

Este artigo ampara-se nos resultados obtidos em uma pesquisa sobre produções culturais surdas no contexto da educação bilíngue⁴ desenvolvida no âmbito do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos – GIPES⁵. A partir do conjunto de problematizações no campo da educação de surdos, percebemos a emergência de olharmos para os efeitos das produções culturais das comunidades surdas nos espaços escolares. Ao entendermos a centralidade do conceito de cultura surda na constituição do enunciado bilíngue

⁴ Pesquisa desenvolvida com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Edital Universal 14/2014, Processo 454906/2014-5.

⁵ Grupo criado em 2006, reunindo pesquisadores de diferentes instituições de Ensino Superior gaúchas que mantêm em comum a Educação de Surdos como campo de investigação. Atualmente, a vasta produtividade em ações de pesquisa e de extensão pode ser acessada por meio dos currículos dos pesquisadores e estudantes cadastrados na página do Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7026622368618023>). Por ser um Grupo Interinstitucional, a liderança é itinerante, sendo atualmente líderes as professoras Dr^a. Lodenir Becker Karnopp, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, e a professora Dr^a Madalena Klein, da Universidade Federal de Pelotas.

nas propostas pedagógicas das escolas de surdos investigadas, percebemos gradativos deslocamentos que operam nas formas mais cristalizadas e essencialistas do discurso acerca da cultura surda. Ou seja, há uma ordem do esmaecimento dos contrastes binários (surdo/ouvinte), promovendo negociações culturais mais híbridas, mais permeáveis no sentido de uma interculturalidade.

A fim de movimentar essas problematizações, estabelecemos como problema de pesquisa o seguinte enunciado: de que modo a circulação e o consumo de artefatos culturais, no contexto da educação escolar bilíngue para surdos, vêm se configurando nos espaços da educação básica? O objetivo geral da pesquisa foi analisar a circulação e o consumo de artefatos culturais em contextos da educação bilíngue para surdos, nos espaços da educação básica. O *locus* investigativo dessa pesquisa ocorreu no espaço escolar; para isso foram priorizadas escolas específicas de surdos do estado do Rio Grande do Sul, pois consideramos que, nesses espaços, artefatos culturais surdos vêm sendo produzidos, circulam e geram efeitos em alunos e professores.

Para tanto, foram investigadas treze escolas, assim distribuídas: quatro escolas na capital; quatro escolas na região metropolitana de Porto Alegre; e cinco escolas no interior do estado, de diferentes esferas: particular (quatro), pública estadual (quatro), e pública municipal (cinco). Um critério que consideramos significativo para a delimitação das escolas pesquisadas foi o de estarem localizadas em cidades em que a comunidade surda estivesse organizada e desenvolvendo movimentos no sentido de garantir a educação bilíngue para surdos. Além disso, que nas universidades do entorno houvesse a presença de professores surdos desenvolvendo atividade docente. E, por fim, critério definitivo, de que a escola concordasse em participar da pesquisa. Assim, considerando a localização e a presença de universidades, bem como o aceite do convite das escolas para participação da pesquisa, foram selecionadas as seguintes instituições:

Quadro 1 – Escolas participantes da pesquisa.

Nome da escola	Localização	Esfera
Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio para Surdos Prof. Lília Mazon	Porto Alegre	Estadual
EMEF de Surdos Bilíngue Salomão Watnick	Porto Alegre	Municipal
Escola de EF para Surdos Frei Pacífico	Porto Alegre	Particular

(continua)

(continuação)

Colégio Especial Concórdia – ULBRA	Porto Alegre	Particular
EMEF para Surdos Vitória	Canoas	Municipal
Escola Estadual Especial Padre Réus	Esteio	Estadual
EMEF Especial para Surdos	Gravataí	Municipal
Escola Estadual Especial Keli Meise Machado	Novo Hamburgo	Estadual
Escola Municipal de Educação Bilíngue Prof ^a Carmen Regina Teixeira Baldino	Rio Grande	Municipal
Escola Especial Prof. Alfredo Dub	Pelotas	Particular
EM Especial de EF Helen Keller e EE de EM Helen Keller	Caxias do Sul	Municipal/ Estad.
Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo F. Coser	Santa Maria	Estadual
Escola de Ensino Médio Concórdia para Surdos	Santa Rosa	Particular

As fontes para a produção de dados se deram a partir das seguintes empirias: questionário para escola, entrevistas semiestruturadas com alunos e professores, observações do cotidiano escolar registradas em diário de campo, análise dos documentos escolares – Projetos Pedagógicos, Regimento Escolar, Plano de Aula, Plano de Curso, Fotografias – e documentos oficiais como leis, decretos, diretrizes que orientam a educação de surdos no nosso país.

A pesquisa atendeu às exigências do Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP/UFRGS). Nesse sentido, a observação do cotidiano escolar priorizou a organização dos tempos e espaços escolares, as dinâmicas comunicacionais e a utilização das línguas no contexto bilíngue em sala de aula. O roteiro de observação acertado entre os pesquisadores incluía um protocolo básico, para registrar em diário de campo, vídeos ou fotos dos espaços escolares (salas de aula, bibliotecas, laboratórios, pátio, ginásio, auditório, entre outros). Especificamente, os principais itens observados incluíam aspectos do cotidiano escolar, tais como a distribuição dos tempos e rotinas escolares; a organização e utilização dos espaços escolares; o uso das línguas (Libras e Língua Portuguesa — escrita, oral) nas dinâmicas escolares; os materiais e recursos utilizados pelo professor; os materiais e recursos compartilhados entre os alunos.

A realização das entrevistas com alunos e professores aconteceu em cada uma das 13 escolas e foram, em média, entrevistados 10 alunos e 2 professores,

totalizando 130 alunos e 26 professores (previsão de 156 no total). A participação dos professores levou em consideração o protocolo básico de entrevista, a livre adesão, a disponibilidade para participar, o tempo de docência na escola. A participação dos alunos considerou a livre adesão de cada um, a disponibilidade para participar, ter acima de 8 anos e a fluência em língua de sinais. Na realização das entrevistas com os alunos, utilizou-se um protocolo básico de perguntas abertas, com a devida mediação linguística, atendendo às diferenças em termos de aquisição em língua de sinais. Para isso, foi fundamental a participação dos pesquisadores surdos e intérpretes para adequação linguística/cultural das questões. Cabe salientar que outro cuidado tomado na produção dos dados diz respeito ao registro das imagens. Os pesquisadores foram instruídos sobre as providências a serem tomadas no caso de algum aluno ou professor recusar-se a constar/aparecer nas filmagens: seria evitado direcionamento do foco e seriam providenciados cortes na edição do material. Em caso de desistência do participante, se a filmagem já tivesse sido realizada, seriam utilizados recursos de edição para não identificação do mesmo.

Por meio do cruzamento dos dados produzidos a partir das diferentes etapas da pesquisa – coleta do conjunto dos materiais (impressos ou digitais) que circulam e que são consumidos nas escolas investigadas; observações registradas nos diários de campo; e entrevistas com professores e alunos –, obtivemos uma transcrição densa do cotidiano escolar. A partir desse registro, foi agrupado um conjunto de recorrências discursivas acerca dos elementos da cultura surda, da língua de sinais, da Língua Portuguesa e de seus usos no contexto da educação bilíngue. Esses elementos serviram de base para a elaboração das categorias que subsidiaram o aprofundamento das análises da investigação: representações sobre surdos e surdez; bilinguismo – o espaço das línguas na escola/educação de surdos – e marcadores da cultura surda no contexto escolar.

3. Cenários da educação escolar bilíngue de surdos

A pesquisa desenvolvida nas treze escolas de surdos pelas três instituições (UFRGS, UFPel e UFSM) foi dividida conforme a localização das escolas e a presença de universidades na região. Em cada escola, realizamos uma primeira visita para solicitar autorização para realização da pesquisa. Todas as escolas aceitaram participar da pesquisa. A distribuição das equipes de trabalho em cada

escola foi organizada conforme a disponibilidade dos pesquisadores, bolsistas e intérpretes. Na sequência, realizamos a observação em quatro turnos, com registros em diário de campo e registro fotográfico (quando autorizado). Após a observação de quatro turnos em diferentes horários e rotinas, os pesquisadores fizeram um registro em Libras ou por escrito das observações, compartilhando tais registros com o grupo de pesquisa, em reuniões mensais e disponibilizando os registros escritos e filmados. Após as observações, realizamos as entrevistas com os alunos e professores. A dinâmica foi diferente em cada escola. Em algumas, a escola indicou os alunos e eles aceitaram a indicação; em outras, os alunos se candidataram. Foi possível fazer quase a totalidade das entrevistas que estavam previstas.

Diante do arsenal de dados produzidos no conjunto da pesquisa, nos interessa neste artigo problematizar a situação do contexto cultural e linguístico das escolas de surdos investigadas no que tange às questões da matrícula dos alunos surdos nas escolas específicas do Rio Grande do Sul. Interessa-nos problematizar os efeitos das condições de implantação de uma educação bilíngue para surdos quando temos observado um decréscimo do número de alunos surdos matriculados nos últimos anos nessas escolas.

Gráfico 1 –Matrícula de alunos surdos no período de 2011-2016.



Fonte: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (2018).

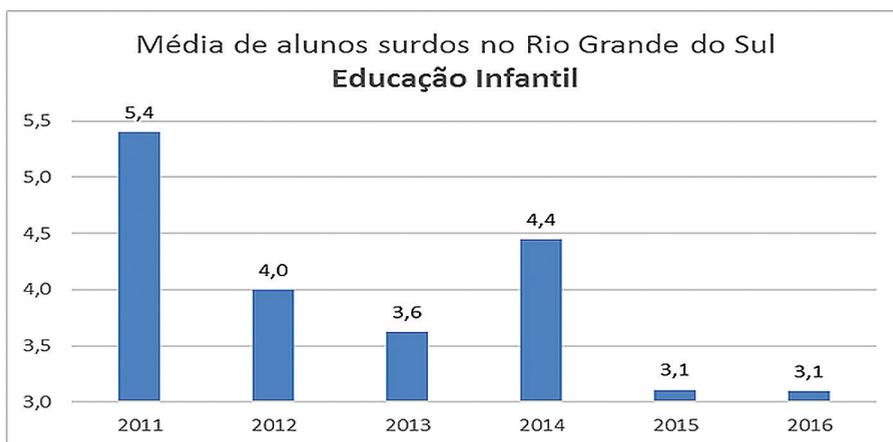
O levantamento da quantidade de alunos surdos matriculados em escolas específicas para surdos – ou seja, em treze escolas de surdos do estado do Rio Grande do Sul de 2011 a 2016 mostrou que em 2011 havia 794 alunos matriculados; no entanto, esse número foi diminuindo e, em 2016, caiu para

674. Considerando esse levantamento, passamos a nos questionar sobre a discrepância entre essa diminuição significativa do número de matrículas de alunos surdos nesses espaços e, ao mesmo tempo, sobre a difusão alargada das discussões sobre educação bilíngue para surdos no nosso país, com inúmeros argumentos que se estabelecem para dar-lhe ênfase e visibilidade.

Não podemos desconsiderar, nessa analítica, as políticas de educação inclusiva que, por meio do Atendimento Educacional Especializado (AEE), vêm produzindo um cenário para a educação bilíngue para surdos no contexto da escola comum, acarretando a fragilização das escolas de surdos. A discursividade presente nessa política em que todos devem estar incluídos com as condições de garantia das suas especificidades, nos tem mostrado o quanto os discursos sobre a educação bilíngue para surdos são capturados por essa lógica inclusiva, convencendo a todos que a escola comum/inclusiva é o melhor lugar. Talvez tenhamos aí uma das causas desse decréscimo das matrículas nos últimos anos nas escolas de surdos.

Outro dado que consideramos relevante para a análise da quantidade de alunos surdos matriculados nas escolas, refere-se ao nível em que o número das matrículas vem diminuindo, se mantendo estável ou aumentando. Assim, a partir dos dados informados pelas escolas, calculamos a média de matrículas de alunos surdos por nível de ensino – Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos.

Gráfico 2 – Matrícula de alunos na Educação Infantil em escolas de surdos do RS.



Fonte: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (2018).

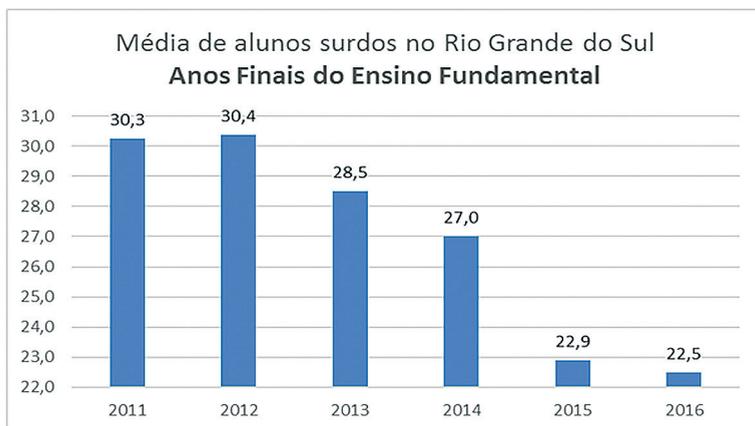
O Gráfico 2 mostra a diminuição no número de matrículas que vem ocorrendo na Educação Infantil, tendo relação e respaldo em indicadores divulgados pelo Ministério da Educação, quando apresenta o crescimento no número de alunos surdos em condição de inclusão e a proporcionalidade inversa em relação às escolas específicas.

Cabe observar que, em pesquisa do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos (GIPES) no âmbito do Edital Universal (MCT/CNPQ 50/2006)⁶, foi constatada a falta de ações voltadas a alunos surdos na Educação Infantil. O relatório de 2009 apontava essa fragilidade e analisava os prejuízos que isso acarretava no principal momento de aquisição e desenvolvimento linguístico de crianças surdas.

Verificamos ainda no Gráfico 2 que, em 2011, era possível encontrar crianças surdas nesta etapa de escolarização em escolas específicas de surdos (Gráfico 2), mas essa situação vem se alterando e indicando novos desafios. Uma pergunta que fica diante desta situação: onde estão as crianças surdas, na fase de educação infantil, um momento importância reconhecida para aquisição e desenvolvimento linguístico?

De modo semelhante à Educação Infantil, os Anos Iniciais do Ensino Fundamental também vêm apresentando uma queda na média de alunos matriculados em escolas de surdos do RS.

Gráfico 3 – Matrícula de alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental.



Fonte: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (2018).

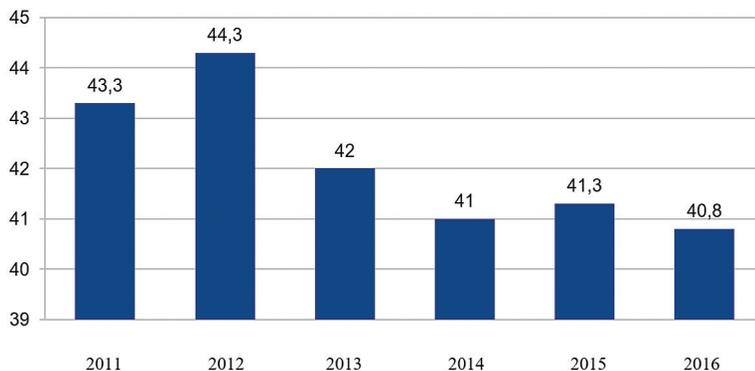
⁶LOPES, Maura Corcini et. al. Relatório de Pesquisa – Projeto de Pesquisa: A educação dos surdos no Rio Grande do Sul. Edital Universal MCT/CNPQ 50/2006. São Leopoldo: UNISINOS, 2009. [Digitado].

Os dados observados em relação às matrículas dos alunos surdos na educação Infantil e no Ensino Fundamental são preocupantes. Pode-se pensar na hipótese de que as chamadas escolas comuns, em que alunos surdos compartilham os espaços escolares com alunos ouvintes, estejam acolhendo estes alunos. Caberia aqui uma nova pesquisa, inclusive no sentido de estabelecer uma comparação com a situação encontrada na pesquisa do GIPES citada anteriormente. Naquela investigação, foram identificadas condições precárias de atendimento educacional para surdos (LOPES et al, 2009, p. 7):

Com a pesquisa, foi possível ver que embora os investimentos na educação de surdos tenham sido altos em nosso estado, as políticas de inclusão têm determinado condições precárias de ensino aos escolares surdos. A grande maioria dos alunos surdos encontra-se incluída nas escolas regulares, fato que não seria um problema se estes tivessem condições de participação em situação de igualdade a seus colegas ouvintes.

Ao direcionar o olhar para o Ensino Médio, observa-se que entre 2011 e 2016 há uma pequena variação nas matrículas, apenas quebrada pelo ano de 2013 que, no somatório dos dados apresentados pelas escolas, demonstrou um crescimento significativo, sem continuidade nos anos seguintes.

Gráfico 4– Matrícula de alunos no Ensino Médio.



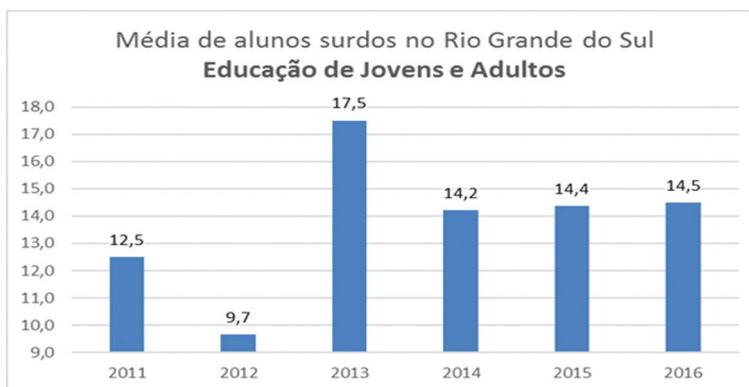
Fonte: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (2018).

No Ensino Médio, observamos uma diminuição na média de matrícula de alunos surdos em escolas de surdos do RS, embora com uma queda um pouco menor. Estes dados mereceriam uma atenção mais detalhada, visto que o Ensino Médio em escolas de surdos existe desde o final dos anos 1980, no Rio Grande do Sul. Naquela ocasião, apenas uma escola do estado oferecia esse

nível de ensino (Escola Especial Concórdia), seguida, anos mais tarde, por outras instituições, inclusive escolas da esfera pública.

Há de se salientar que no âmbito do tema da pesquisa “a produção e circulação de artefatos da cultura surda na educação básica”, a oferta do Ensino Médio em escolas de surdos, com a presença de jovens e adultos surdos, potencializa a língua de sinais e o compartilhamento de significados próprios dos surdos (PERLIN, 2004).

Gráfico 5 – Matrícula de alunos na EJA.



Fonte: ReKARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (2018).

De modo contrário ao que ocorre com os níveis anteriores, a Educação de Jovens e Adultos (Gráfico 5) vem apresentando um aumento no número de matrículas nos últimos anos. Isso pode ser entendido pela intensificação, no âmbito das políticas educacionais de projetos que visam ao atendimento dessa faixa de alunos. A educação de surdos acompanhou esse movimento, assistindo ao retorno de um número significativo de alunos anteriormente evadidos do sistema de ensino, bem como proporcionando a muitos outros a primeira oportunidade de escolarização, visto não terem tido acesso em sua infância.

Dessa forma, podemos destacar que a média no número de matrículas nas escolas específicas para surdos vem sofrendo um decréscimo nos últimos anos. Ao nos depararmos com essa realidade, nos questionamos quais as razões que fazem com que isso ocorra. Como respostas para essa pergunta, temos algumas suspeitas. Uma delas corresponde às políticas de inclusão, que tratam de incluir todos os estudantes em redes regulares de ensino, acarretando a

diminuição dos espaços específicos de aprendizagem – escolas específicas para os alunos surdos. Há por parte dos gestores das políticas educacionais um maciço empreendimento no sentido de tornar todos independentes de suas diferenças, incluídos nos espaços escolares pelo bem de todos e de cada um.

4. Das possibilidades e desafios das escolas de surdos

Há um compromisso de propor algumas conclusões. Talvez melhor do que conclusões, apresentar provocações. Estabelecer algumas amarrações entre aquilo que se evidenciou nas aproximações às escolas e o que vem sendo pensado e desenvolvido na educação e, mais especificamente, na educação de surdos. Dessa forma, o resultado das análises dos documentos, das observações e das entrevistas realizadas nas 13 escolas investigadas pode ser resumidamente apresentado como segue:

- ‘Ser surdo’ é o que condiciona a matrícula dos estudantes nas escolas;
- A escola mostra-se como lugar de compartilhamento e de diálogo sobre as ‘coisas do mundo’;
- As escolas de surdos estão marcadas pelo uso da visualidade, pela interação em Libras e pela vivência da cultura surda;
- Poucos estudantes nas turmas possibilitam a comunicação em Libras;
- A experiência visual se mostra potente no espaço escolar;
- A defesa do ensino bilíngue está no desejo da comunidade educativa dessas escolas;
- ‘Surdos com alguma deficiência’ compõem a trama que tece os cenários bilíngues;
- O significado da relação escola e comunidade surda ainda é um ponto a ser debatido em função das diversas interpretações relatadas sobre o que essa relação implica.
- Quanto ao tema do bilinguismo, foi possível perceber, no material analisado, o discurso recorrente de que:
- A educação de alunos surdos é eficaz quando parte de um ensino bilíngue;

- A língua de sinais é a primeira língua do surdo e deve contemplar o ensino escolar em todas as esferas, enquanto que a Língua Portuguesa (LP) escrita opera como segunda língua;
- A LP é assumida como língua adicional, útil e necessária na sociedade, e não como uma língua estrangeira;
- As línguas podem ser ensinadas de modo concomitante na escola, considerando-se as condições linguísticas dos estudantes;
- A partir de uma perspectiva aditiva de bilinguismo (uma língua possibilita a aprendizagem de outra), desconstrói-se um modo único de educar os surdos.
- Como desafios, foram apontadas questões referentes à formação docente e à qualificação das propostas educacionais:
- A construção das propostas pedagógicas bilíngues ainda necessita de uma discussão teórica/metodológica mais aprofundada;
- As propostas político-pedagógicas estão discursivamente amarradas às suas mantenedoras; também são atravessadas por outros documentos oficiais e teorizações no campo da Educação;
- As práticas cotidianas nesses contextos educacionais ainda não conseguem responder efetivamente a proposição do ensino bilíngue, seja pela dificuldade de construção de espaços de leitura e estudo por parte do corpo docente, seja pela falta de materiais didáticos bilíngues;
- Há necessidade de formação de professoras bilíngues para atuarem em contextos escolares de educação de surdos;
- Há poucas professoras que se consideram fluentes em Libras;
- Há carência de profissionais surdos (professores e funcionários) nas escolas;
- A tarefa de tradutor e intérprete de Libras/Português (TILS) é uma função geralmente assumida por professores bilíngues, sobretudo em reuniões, palestras e conversas com os familiares, pois nenhuma escola tem contrato específico com TILS.

Estes tópicos constituem as evidências encontradas nos materiais analisados, mas também se organizam em pauta para aprofundamentos e para debates no campo das políticas educacionais. Assim, pode-se afirmar que a presente pes-

quiza cumpre com o propósito de subsidiar discussões de propostas curriculares no âmbito da educação básica para alunos surdos na perspectiva da educação bilíngue. Por fim, este capítulo reportou resultados, que certamente se abrem para muitos outros debates.

4. Conclusão

Como apresentado no decorrer deste texto, foram muitas idas às escolas. Muitas salas de aula se abriram, materiais foram compartilhados, experiências narradas. Pode-se dizer que os três anos de execução do projeto não foram suficientes para dar conta da riqueza de possibilidades de cruzamentos e de análises. Com certeza, muito ainda se pode debruçar sobre os projetos pedagógicos e regimentos das escolas. Muito ainda pode ser pensado sobre os registros de sala de aula. Quanta simplicidade e ao mesmo tempo quanta potência em atividades cotidianas que acontecem nas salas de aula, nos pátios, nos corredores. Mas também, quantas fragilidades e dúvidas desafiam educadores e a comunidade surda – esta personagem que na literatura acadêmica muito aparece e que se evidenciou como protagonista na presente pesquisa.

Tomar a educação de surdos como um campo discursivo para pensarmos o cenário da escolarização bilíngue significa dizer que a situamos como um conjunto de forças que produzem, valoram e determinam as condições dos sujeitos surdos. A significação da diferença se dá nesse campo conflituoso de forças que envolve culturas e relações indissociáveis de poder-saber que passam inevitavelmente por relações de atribuição de sentido. Portanto, pensar sobre essas questões implicou inevitavelmente em lançar um olhar crítico não apenas para o sujeito surdo em questão, mas também para a comunidade e para os espaços escolares no que concerne às possibilidades de existência e seus efeitos, entre outros elementos.

No contexto deste estudo podemos perceber que a cultura opera como fator decisivo para o agrupamento dos surdos nesse território chamado escola, uma vez que os denominados artefatos culturais do povo surdo têm servido à comunidade surda como fator determinante para reforçar a segurança do território comunitário e as lutas políticas pelo direito à diferença. Não haveria como evitar essa abordagem, uma vez que a comunidade surda se articula sobretudo em torno de uma narrativa sobre sua cultura.

É nessa esteira discursiva que mantemos o movimento de continuar pensando as relações culturais no cenário da educação bilíngue de surdos e seus desdobramentos em práticas pedagógicas que atentem a formas mais sensíveis a esse lugar de produção de subjetividades atreladas aos modos de vida contemporâneo. Em suma, o que procuramos compreender em nossa pesquisa é que aquilo que tomamos como cultura surda, educação bilíngue, experiência visual, escola de surdos, encontram-se alojados numa ordem discursiva a qual nos coloca sempre à espreita de um exercício constante de problematização. Isso para, em nenhum momento, perdermos de vista a necessidade de não tomarmos o cenário da educação de surdos como algo “natural”, mas que se relaciona estreitamente a forças discursivas tensionadoras de movimentos impregnados de poder e de significação.

Portanto, a recorrência dos discursos que tomam a surdez como diferença linguística e cultural e os surdos como sujeitos de uma experiência visual traz à tona possibilidades de pensar a educação de surdos de outras formas. Há nesse enredo um panorama em que movimentos, comunidades e escolas de surdos se cruzam produzindo contornos culturais importantes, que compõem os enunciados do discurso da educação bilíngue para surdos.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, M. Polêmica, política e problematizações (1984). In: FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber*. Organização de Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 (Ditos & Escritos IV). p. 225-233.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- HOOKS, B. *Ensinando a transgredir*: a educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. Produções culturais surdas no contexto da educação bilíngue. *Relatório de Pesquisa*: Edital Universal 2014, CNPq. Porto Alegre, 2018. 51p. (Texto digitado).
- LOPES, M. C. et. al. *Relatório de Pesquisa – Projeto de Pesquisa: A educação dos surdos no Rio Grande do Sul*. Edital Universal MCT/CNPQ 50/2006. São Leopoldo: UNISINOS, 2009. [Digitado].

MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. *Em defesa da escola: uma questão pública*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

PERLIN, G. O lugar da cultura surda. In: THOMA, A. da S. e LOPES, M. C. (Orgs.) *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul/RS: EDUNISC, 2004, p. 73-82.

VEIGA-NETO, A. Olhares... In: COSTA, M. V. (Org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 23- 38.